

A Fortes D'Aloia & Gabriel (São Paulo e Rio de Janeiro), tem o prazer de receber a kurimanzutto (Nova York e Cidade do México) para uma exposição colaborativa na Casa da Cultura da Comporta. O encontro entre os programas das duas galerias apresenta uma oportunidade de explorar trabalhos que abrangem gêneros, técnicas e geografias distintas dentro de uma perspectiva curatorial unificada.

A exposição se desdobra em dois atos. O primeiro abre no dia **8 de julho** e postula o mundo natural como algo externo a nós. A seleção de obras evidencia as diversas maneiras como o espaço pode ser retratado e explorado, abrangendo intrincadas investigações sobre paisagem e arquitetura. Pela aplicação variada de formas e materiais, as esculturas, fotografias e pinturas presentes neste ato desarticulam a delimitação nítida entre espaço orgânico e espaço construído.

As plantas oscilam entre o abstrato e o figurativo na obra de **Gabriel Orozco** (México, 1962). Em sua série *Suisai* (2016), borrões de tinta verde pálido, malva e ocre se reúnem em formas miméticas da natureza. Dentro das poças de tinta está um léxico familiar de círculos geométricos aprimorado pelo arranjo esquemático encontrado em *Dé Fruit* (2017). O trabalho de Orozco revela ações cíclicas que se desenrolam na natureza enquanto fazem a mediação entre o geométrico e o orgânico, a quietude e o movimento.

Na pintura em grande escala de **Luiz Zerbini** (Brasil, 1959), *Musa Miraculosa* (2023), camadas de padrões intrincados formam texturas complexas de folhagem que parcialmente dissolvidas em estruturas abstratas meticulosamente detalhadas. Os fortes contrastes entre as cores vibrantes nos motivos naturais criam uma dimensão sintética em sua série *Metamorfose* (2017). O artista fossiliza o efêmero com a justaposição de gradientes de arco-íris, folhas prensadas e caules. Uma dimensão similar emerge da aparência fossilizada do trabalho de **Anderson Borba** (Brasil, 1972). Em *Mata-Leão (Rear-Naked Choke)* (2022), Borba esculpe a madeira e então queima, pinta, prensa e manipula materiais como papel e verniz na superfície, borrando a superfície entre imagem e matéria.

Mauro Restiffe (Brasil, 1970) e **Marina Rheingantz** (Brasil, 1983) retratam vistas marítimas privadas de monumentalidade e imbuídas de uma radiação atmosférica prateada. A granulação analógica em *2020* (2020), de Restiffe, situa o casal que se abraça em primeiro plano numa cena entre a lembrança e o sonho. De modo análogo, *Silver Lake* (2023) de Rheingantz, cria uma ambiência vaporosa plena de camadas espessas de tinta, cuja forma oscila entre uma rocha e um borrão, dependendo da posição do espectador com relação à tela: um procedimento que se traduz nas breves e rítmicas marcações da tapeçaria *Balsa I* (2017).

A vegetação vai aos ares nas plantas artificiais que emergem de um vaso de vime suspenso em *The Intermediate – Antenna Basket on Rings* (2017), de **Haegue Yang** (Coreia do Sul, 1971). A antena de televisão, destacando-se entre as plantas, dá forma à dualidade entre o natural e o tecnológico, o artesanal e o moderno. Ainda assim, o vaso de vime em forma de orelhas de elefante remete à palha tecida que **Leonor Antunes** (Portugal, 1971) encontrou na casa da família de Franca Helg em Galliate Lombardo, na Itália, reimaginada na obra pendurada *Franca #2*.

Antunes mapeia detalhes arquitetônicos, enquanto **Wilfriedo Prieto** (Cuba, 1978) mapeia imagens e **Abraham Cruzvillegas** (Cidade do México, 1968) mapeia paisagens psicogeográficas. Na série *Fake News* (2021), de Prieto, ele interpreta fotografias da imprensa nacional e internacional pela aplicação abstrata de tinta acrílica sobre tela. Em *Otras rutas 13* (2023), Cruzvillegas envolve todo o seu corpo ao usar um esfregão para pintar linhas que produzem caminhos na tela que nós só podemos imaginar. Partindo do vazio das telas expostas, a construção do espaço também toma forma no trabalho do escritor e pintor autodidata **Álvaro Lapa** (Portugal, 1939 - 2006). A sugestão de espacialidade em *Sem título* (1970), da sua série *Moradas*, evoca um bilhete descartado ou um vale, e as referências e inclusão de palavras escritas sugerem trilhas narrativas em mutação.

Se os trabalhos no primeiro ato delineiam padrões e diagramas do mundo externo, as obras expostas no ato dois se voltam para o interior, às nossas memórias coletivas e pensamentos inconscientes. O segundo ato abre no dia **5 de agosto** e propõe o mundo natural como algo interno a nós. Através da representação de formas corporais e processos cognitivos, os artistas interpõem narrativas pessoais a experiências compartilhadas, investigando a reimaginação dos materiais para forjar novos conceitos acerca do que significa estar incorporado.

As alusões ao corpo feminino de **Márcia Falcão** (Brasil, 1985) e **Erika Verzutti** (Brasil, 1971) encetam diálogos acerca da construção de figuras e as referências culturais sugeridas pelos seus contornos e silhuetas. Em *Ioga Psicológica* (2023), os membros carnudos de Falcão se contorcem e se comprimem em posições extenuantes para caber no confinamento da moldura retangular, enquanto as formas espirais do relevo de Verzutti citam a fisionomia voluptuosa da Vênus de Willendorf, tanto quanto geoglifos pré-históricos.

A potência simbólica das propriedades materiais também pode ser vistas no trabalho multidisciplinar de **Damián Ortega** (México, 1967). *Extracción 6* (2018) de Ortega, conforma peças individuais ao posicionar sacos de cimento fresco num recipiente tubular. Conforme as peças secam, aos poucos, e assentam umas sobre as outras, elas cedem as tendências inerentes do material, negociando seu arranjo espacial organicamente. A máscara de *Vaquero* (2022) é feita de materiais encontrados, como couro e plástico, enquanto suas tapeçarias baseadas no improviso e inspiradas em textos de poemas e romances partem das tradições têxteis de Oaxaca. **Adriana Varejão** (Brasil, 1964) desenvolve uma exploração similar por meio de suas litogravuras. A artista emprega o trompe l'oeil em seus ambientes ladrilhados para aumentar a percepção de profundidade. Esses espaços inquietantes evocam necrotérios e abatedouros tanto quanto saunas, fazendo referência a uma tipologia arquitetônica supostamente neutra e higiênica que mascara funções potencialmente violentas.

Insinuações sutis de corpos abstraídos também estão presentes no trabalho de **Sofía Taboas** (México, 1968), **Nairy Baghramian** (Irã, 1971) e **Ernesto Neto** (Brasil, 1964). *Delta* (2022), de Taboas, é composta de pequenas telas independentes na forma de triângulos e losangos rearranjadas simetricamente, produzindo uma composição de forma e cor equilibrada. Em *Belibte Stellen* (2011, 2015) de Baghramian, três bastões de aço são cobertos com camadas de tinta texturizada em bege, amarelo e verde, de modo que ainda exibem os gotejamentos endurecidos. Suas formas curvas convidam o toque humano, como se o público devesse escalar a parede. De modo análogo, as instalações escultóricas de Neto convidam à participação com suas formas orgânicas. A nova instalação site-specific *Vó Gravidade que nos une nesta terra!* (2023) compõe uma estrutura de crochê com contrapesos pendurados nas vigas do espaço. Um delicado equilíbrio é traçado entre as pedras em cada um de seus três ninhos, tornando a força gravitacional uma parte ativa da obra. O caráter integrado ao espaço das esculturas de Baghramian e Neto estimula a ativação sensorial além do visível.

Por fim, as obras de **Sergej Jensen** (Dinamarca, 1973) e Neto voltam a chamar a atenção do público para a figuração orgânica do corpo. Nos desenhos de Neto dos anos 1990, ele usa linha e cera sobre papel para delinear formas corporais e membros enodados. Em *Couple* (2018), Jensen desafia materiais tradicionais em sua aplicação de impressão UV, acrílico e ouro em bolsas de dinheiro costuradas.

O primeiro ato concentra-se em obras que se relacionam ao mundo natural como algo externo, aproveitando uma abundância de formas e traduzindo-as em dispositivos artísticos que fundem o natural e o artificial. Por meio de táticas de organização formal do espaço orgânico e construído, a lógica sistêmica é aplicada a jardins, paisagens e arquitetura. O segundo ato reúne obras que lidam com representações do corpo, de reflexões inconscientes a narrativas míticas. Os artistas aqui colapsam múltiplas escalas temporais em objetos que carregam marcas do fazer manual e expressam ritmos e ciclos naturais.

Através da fusão entre o programa de cada galeria, a exposição apresenta uma seleção dinâmica de alguns dos artistas contemporâneos mais relevantes hoje.